

Veja

19/10/1983

Cidade cúmplice

Barrinha busca um álibi para seus erros

A vida aos sábados no município de Barrinha, com 14 000 habitantes, a 340 quilômetros de São Paulo, pouco difere da rotina de outras cidades do seu porte que também dependem, basicamente, do cultivo da cana. Para os quase 4 000 bóias-frias é um dia comum de trabalho, amenizado por uma esticada aos bares no começo da noite. As famílias mais ricas, sempre que podem, deslocam-se 40 quilômetros até Ribeirão Preto para fazer compras, e os jovens comparecem aos bailes do clube local, que transcorrem num clima tranquilo. Mas no último dia 8, um sábado, Barrinha explodiu. Uma multidão de 2 000 pessoas, formada por adultos e crianças, ricos e pobres, ateou fogo à delegacia, virou e incendiou carros e trocou tiros com a polícia, numa balbúrdia que resultou em 33 feridos.

Desde a quarta-feira anterior, quando a menina Josana Carla de Souza, 4 anos, foi encontrada morta num canavial em Barrinha, todos ali acreditam estar diante de um crime com violência sexual. "O povo deve arrebentar o monstro", exortou o prefeito Fuad Saleh, 38 anos, do PMDB. Ninguém, nem mesmo o delegado Valmir Pupo, remetido de Ribeirão Preto para acompanhar o caso, acreditou no laudo da primeira necrópsia, feita pela médica Mércia Abbud, descartando a tese do estupro. No sábado da explosão, o delegado Pupo deteve dois suspeitos, Vicente Gonçalves Nunes, 30 anos, e Luís Antônio Lisboa, 16, e os levou à delegacia local para interrogatório. A notícia vazou e atraiu a multidão furiosa que, impedida de materializar o linchamento, atacou os alvos disponíveis. Tornou-se conveniente, mais do que nunca, pensar que Josana fora vítima de um crime sexual.

PISTAS SEM SENTIDO — "Eu estava algemado ao Vicente e achei que não ia escapar vivo", lembra Luís Antônio Lisboa. No dia do desaparecimento da menina, 25 de agosto, foi Luís quem conduziu à roça, no seu carro, Josana e o pai, José Vieira de Souza, 26 anos, que trabalha para a família de Luís fiscalizando o serviço de bóias-frias. No caminho toparam com Vicente, o outro suspeito, que dias antes tivera um desentendimento com José. Depois, Josana foi deixada sozinha por seu pai a 300 metros daquele local, à sombra de um caminhão. Quando José voltou, não encontrou a filha. Começaram então as buscas que envolveram 800 pessoas e duraram dez dias.

O corpo de Josana foi localizado a 2,5 quilômetros do ponto onde fora vista pela última vez, no interior de um canavial. "Da forma como os pés de cana se entrelaçam, é improvável que a menina tenha entrado ali sozinha", insiste o delegado Pupo. Ele se sente amparado nas suas suspeitas por terem sido encontrados junto ao corpo uma nota de 1 000 cruzeiros e um pedaço de papel com um número de telefone e um endereço. Investigações posteriores desviaram essas pistas para a cidade de São Paulo — o telefone é do Comando da Polícia Militar —, mas elas permanecem sem sentido.

"NÃO VI NADA" — "Precisamos descobrir a autoria do crime de qualquer forma", conclamou o delegado Pupo logo após a exumação da menina, na terça-feira passada. A necrópsia feita em seguida por um tarimbado médico legista, Lenilso Tabosa Pessoa, referendou a conclusão de sua colega Mércia Abbud quanto à ausência de sinais de violência, inclusive sexual. Cauteloso, Pessoa não se convenceu da evidência de morte causada por inanição e pediu novos exames das vísceras de Josana, cujos resultados não eram conhecidos até sexta-feira passada. Eles vão decidir sobre a consistência da única possibilidade de a menina ter sido assassinada, por asfixia provocada. Qualquer outra conclusão deixará insatisfeito o pai de Josana, que ganha

não mais de 100 000 cruzeiros mensais. "Vou separar um dinheiro todo mês para pagar um detetive e descobrir o criminoso", planeja.

A descoberta de um culpado seria um alívio para Barrinha. Depois dos distúrbios do dia 8, a silhueta carbonizada da delegacia tornou-se um evidente incômodo para a consciência coletiva da cidade. Ninguém admite ter participado da depredação, do incêndio de seis carros e da troca de tiros, na qual os policiais saíram em desvantagem: 25 feridos, contra oito civis. "Eu estava no fundo do quintal da casa em frente e não vi nada", inocenta-se o vigilante bancário Rogério Pereira da Silva, 18 anos, que convalesce de ferimentos a bala nas duas pernas. O prefeito Saleh responsabiliza a Polícia Militar pelos incidentes — teria havido demora na chegada de reforços vindos de Ribeirão Preto e cidades vizinhas — e ensaia sua defesa: "Na hora da confusão tentei segurar as pontas".

Até sexta-feira passada, ninguém fora indiciado por ter participado dos distúrbios. O delegado-geral da Polícia Civil, Maurício Henrique Guimarães Pereira, ficou aborrecido com a conduta de seus subordinados, segundo um de seus assessores. "A condução de suspeitos à delegacia da própria Barrinha está sendo objeto de procedimento disciplinar", esclarece o delegado-geral. Zahir Dornaika, delegado regional de Ribeirão Preto, informa que o delegado Pupo tinha orientação expressa para conduzir eventuais suspeitos à delegacia de Jaboticabal, e tenta interpretar por que isso não aconteceu. "A população começou a aplaudir seu trabalho e ele superestimou sua capacidade de controlar a multidão", pondera. Indiferente a esses comentários, Pupo continuou a intimar e a ouvir outras pessoas capazes de ajudar a encontrar o assassino de Josana. Vicente Nunes, o único suspeito a essas alturas, continua "sob guarda" da polícia, em Ribeirão Preto. No último sábado, Barrinha procurava retornar à rotina dramaticamente interrompida na primavera de 1983.

NELSON LETAIF, de Barrinha

(Páginas 42 e 43)